

AS TERMAS DA VILLA ROMANA DA TOUREGA (ÉVORA, PORTUGAL)

Catarina Viegas (UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Inês Vaz Pinto (Departamento de História da Universidade Lusíada)

INTRODUÇÃO

As termas que são objecto do presente estudo são parte integrante da *villa* romana da Tourega, situada no território da antiga cidade *Ebora Liberalitas lulia*, actual cidade de Évora, que no período romano era capital de uma *civitas*.

Esta *villa* deve a sua notoriedade ao achado, nas suas imediações, de uma inscrição funerária relativa a uma família senatorial, com a dedicação de uma mulher, Calpúrnia Sabina, a seu marido, Quinto Júlio Máximo, e a seus dois filhos, e datada dos princípios do século III (Encarnação, 1984, 456-458). Esta inscrição, juntamente com alguns vestígios de carácter monumental, chamaram a atenção dos investigadores para esta estação arqueológica desde o século XVI.

No entanto, só em 1985 se fizeram os primeiros trabalhos arqueológicos sistemáticos, primeiro como intervenção de emergência com o objectivo de impedir o alargamento do cemitério próximo, e depois como projecto de investigação através do qual se levaram a cabo, até 1996, campanhas de escavação anuais que puseram a descoberto a totalidade do edifício termal. Actualmente desenvolve-se um projecto de estudo, interpretação e publicação de toda a documentação recolhida relativa à arquitectura e à estratigrafia, e dos materiais recuperados susceptíveis de oferecerem dados importantes para o conhecimento da vida sócio-económica da *villa* {1}.

Neste estudo pretende-se analisar as diferentes fases de construção destas termas e interpretar a funcionalidade dos seus espaços nesses vários momentos, tarefa esta dificultada pelas sucessivas remodelações e também pelo mau estado de preservação, que se deve em grande parte à sua situação numa encosta com pouca inclinação mas que favoreceu a erosão.

As termas da *villa* romana da Tourega constituem um edifício isolado (Fig. 1), bastante amplo e irregular, ocupando uma área de cerca de 450 m², no qual se podem distinguir três fases de construção de grande amplitude, embora se detectem ainda diversos momentos de construção, ou remodelações de menor importância, na segunda e na terceira fase, dos quais não nos ocuparemos aqui.

Os materiais recolhidos em toda a área, e especialmente a *sigillata* sudgálica e hispânica, indicam que a *villa* terá sido fundada em meados do século I d.C., mas a única fase de construção das termas relativamente bem datada é a segunda, em que um tanque (16) (Fig.1) é construído sobre o enchimento de um hipocausto mais antigo (1

e 2) {2}. Os materiais achados nesse enchimento, e nomeadamente a abundância de *sigillata* clara C, cuja forma mais recente é a Hayes 50, permitem datar esta segunda fase de finais do século III ou inícios do século IV.

A primeira fase de construção das termas, constituída por um hipocausto e uma fornalha escavados na rocha-base, é muito difícil de datar, mas o facto de já reutilizar algumas tijoleiras de abóboda nos seus pavimentos, e não parecer haver um período de abandono entre a sua última utilização e o enchimento para construir o tanque 16 nos finais do século III - inícios do IV, leva-nos a supôr que não será anterior ao século II, podendo facilmente ser mais tardia.

A terceira fase é forçosamente posterior aos inícios do século IV, por se ter sobreposto parcialmente à segunda fase, e nomeadamente os compartimentos 26 e 27 à parede sul do tanque 16, mas não é possível ser mais preciso, por não se ter escavado nenhum nível susceptível de a datar.

No que respeita ao abandono da *villa*, que poderá coincidir com o das próprias termas, nota-se que o ritmo de importações de *sigillata* clara D é ainda significativo nos finais do século IV e inícios do século V, o que é documentado pela presença de um número considerável de exemplares das formas Hayes 59 e 61. No entanto, a presença de escassos exemplares das formas Hayes 67, 70, 79 e 93a revela que a *villa* pode ter recebido produtos norte-africanos, embora em muito pequena quantidade, até ao terceiro quartel do século V.

O PRIMEIRO CONJUNTO TERMAL (Fig. 2)

Da primeira fase das termas da Tourega resta apenas um hipocausto (1 e 2) e a respectiva fornalha (3) escavados na rocha-base arenosa, e aproveitando, nalguns pontos, afloramentos graníticos.

O grande compartimento do hipocausto (1 e 2) media cerca de 8 m por 6,5 m, era pavimentado a tijoleira, e tinha onze fiadas de arcos que susteriam o pavimento das salas superiores, completamente desaparecido. O facto de o arranque norte da quinta fiada de arcos a contar de leste ser o único que assenta numa pedra quadrangular, e ao mesmo tempo o único que assenta na rocha-base e não no pavimento, foi o único fundamento para se considerar a divisão deste compartimento em dois, que corresponderiam, no piso superior, a um *tepidarium* e a um *caldarium*. Na realidade, essa muito provável divisão poderia situar-se noutro ponto deste grande espaço.



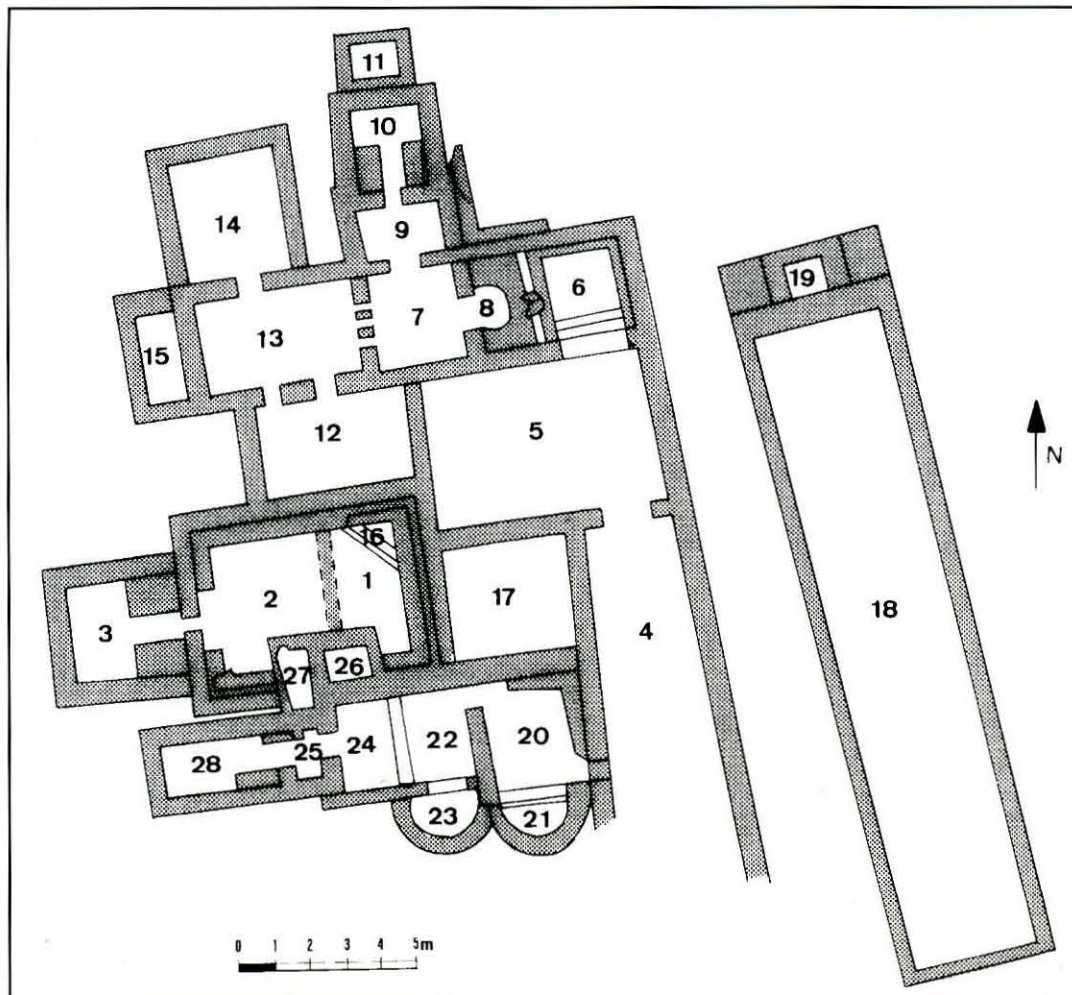


Fig. 1 - Planta geral esquematizada com a numeração dos diferentes compartimentos das termas.

A fornalha ou *praeurnium* (3) apresenta uma das suas configurações típicas, constituindo um compartimento rectangular, com um corredor ou canal que conduziria o calor para o interior do hipocausto.

Apesar de não se terem preservado os níveis de circulação, os vestígios desta primeira fase de construção sugerem um conjunto de compartimentos com a sequência habitual das zonas aquecidas das termas e um plano axial. Junto ao *praeurnium* (3) situar-se-ia o *caldarium* (2), que deveria ter um *alveus* do qual não resta qualquer indício, e junto ao *caldarium* situar-se-ia o *tepidarium* (1). Não há qualquer vestígio da continuidade do balneário nesta fase, que terá sido completamente obliterada pela construção das fases seguintes, pelo que não é possível conhecer a localização do *frigidarium* e demais dependências.

O ALARGAMENTO DAS TERMAS NOS FINAIS DO SÉCULO III - INÍCIOS DO IV (Fig. 2)

Num determinado momento dos finais do século III - inícios do IV, procede-se ao preenchimento do hipocausto escavado no subsolo granítico (1 e 2), para se construir, sobre esse enchimento, uma piscina (16) que se insere num projecto de construção de um edifício muito amplo que é constituído por dois sectores independentes de salas aquecidas e algumas salas e tanques comuns.

Em termos genéricos as novas termas vão seguir a mesma orientação do edifício anterior que segue os pon-

tos cardeais.

É possível reconstituir, com alguma segurança, a arquitectura e a funcionalidade dos compartimentos que constituem o sector norte de salas aquecidas (7-15). No que diz respeito ao sector sul (17), esta tarefa está bastante dificultada pelo facto desta área ser a que maiores remodelações sofreu na fase seguinte.

A entrada no edifício termal far-se-ia pelo compartimento 4, que se poderá identificar como um *vestibulum*, talvez também *apodyterium*, embora não se registem quaisquer bancos junto às paredes. É uma sala rectangular, cujo comprimento máximo se desenvolve no sentido norte-sul e se conserva numa extensão de cerca de 14 m. O pavimento é de *opus signinum* e as paredes encontram-se destruídas praticamente até ao nível das suas fundações.

Da sala 4 acedia-se à sala 5, cujo pavimento era revestido a mosaico bícromo do qual resta apenas, *in situ*, um reduzido fragmento no canto sudeste. Sensivelmente no centro da sala existe uma caixa de esgoto forrada a tijoleiras, cujo escoamento se fazia através de um cano orientado para nordeste, e que parece ser o que resta da instalação de uma fonte. Encontra-se ainda marcado na argamassa do assentamento do mosaico o negativo de uma canalização de secção circular de diâmetro muito reduzido que deveria alimentar o repuxo desta fonte.

Este compartimento (5) seria um *frigidarium* que funcionaria como sala central que tanto dava acesso ao conjunto norte de salas aquecidas (7,8,9,12,13) como ao



conjunto sul (17), e ainda aos tanques 6 e 16, e seria, por isso, o ponto de partida do percurso dos utilizadores dos banhos.

O SECTOR NORTE

O sector norte formou-se através de vários episódios de construção, e no seu plano final é constituído por um conjunto de salas aquecidas por duas fornalhas (7-14) e um compartimento de serviço (15), dos quais restam apenas os pavimentos e alguns arranques dos arcos do hipocausto, e muito raramente alguns fragmentos do pavimento do piso superior abatido (sala 7). Apesar do mau estado de preservação e do plano desta área ser assimétrico e muito irregular, notam-se duas sequências relativamente axiais de *prae-furnium-caldarium-tepidarium*: a fornalha 10 aquecia o compartimento 9, que seria um *caldarium*, e ainda o 7, que seria um *tepidarium*; e a fornalha 14 aquecia os compartimentos 13 e 12, que seriam respectivamente *caldarium* e *tepidarium*. É possível e até provável que um dos *caldaria*, talvez o 9, por ser mais pequeno, fosse um *laconicum* ou *sudatio*, mas a destruição total do nível de utilização não permite fundamentar essa hipótese.

A fornalha 10 tem uma configuração típica, consistindo num compartimento rectangular com duas estruturas a formar um corredor ou canal, e que, como sugere Degbomont, serviriam para sustentar as caldeiras ou recipientes para aquecer a água (1984, 85, fig. 136-139). Esta fornalha tem adossado, a norte, um pequeno tanque (11) que se encontra no ponto mais baixo das termas e poderia servir para o escoamento das águas deste sector. O compartimento 9 tem as dimensões ideais para sustentar um tanque de água quente ou *alveus*, ou mesmo um *laconicum* ou *sudatio*, como acima foi dito, mas apenas se preservou o nível do hipocausto, com as paredes em *opus mixtum*, diferentes das restantes que são feitas em *opus incertum*, os vestígios de algumas tijoleiras que seriam as base dos arcos do sistema de hipocausto e o solo constituído pela própria rocha-base, ao invés dos restantes compartimentos aquecidos que são pavimentados a tijoleira. O compartimento 7, o hipocausto que sustentaria uma sala tépida, tem ainda uma série de arcos destruídos e uma parte da *suspensura* abatida e revestida a *opus sectile* de placas de mármore branco. No lado oeste, há um espaço com a forma de arco ultrapassado e também com arcos de hipocausto que poderiam sustentar um *solium* ou pequeno tanque individual.

A fornalha 14 é muito grande e já só conserva o negativo das estruturas que formavam o corredor ou canal. Aquecia o compartimento 13, que tinha espaço para um *alveus* de boas dimensões, mas nada resta além do pavimento em tijoleira bastante irregular e alguns raros arranques de arcos de hipocausto. O compartimento 12 também só preserva partes do pavimento em tijoleira e alguns pilares dos arcos do hipocausto, especialmente junto à parede este. Foi junto às paredes oeste destes dois compartimentos que se encontrou uma boa quantidade de vidro de janela, o que está de acordo com o preceito vitruviano que preconiza que as termas deveriam ter amplas aberturas envidraçadas para desfrutar da luz e calor do sol após o meio-dia, período ideal para o banho, e neste caso também da

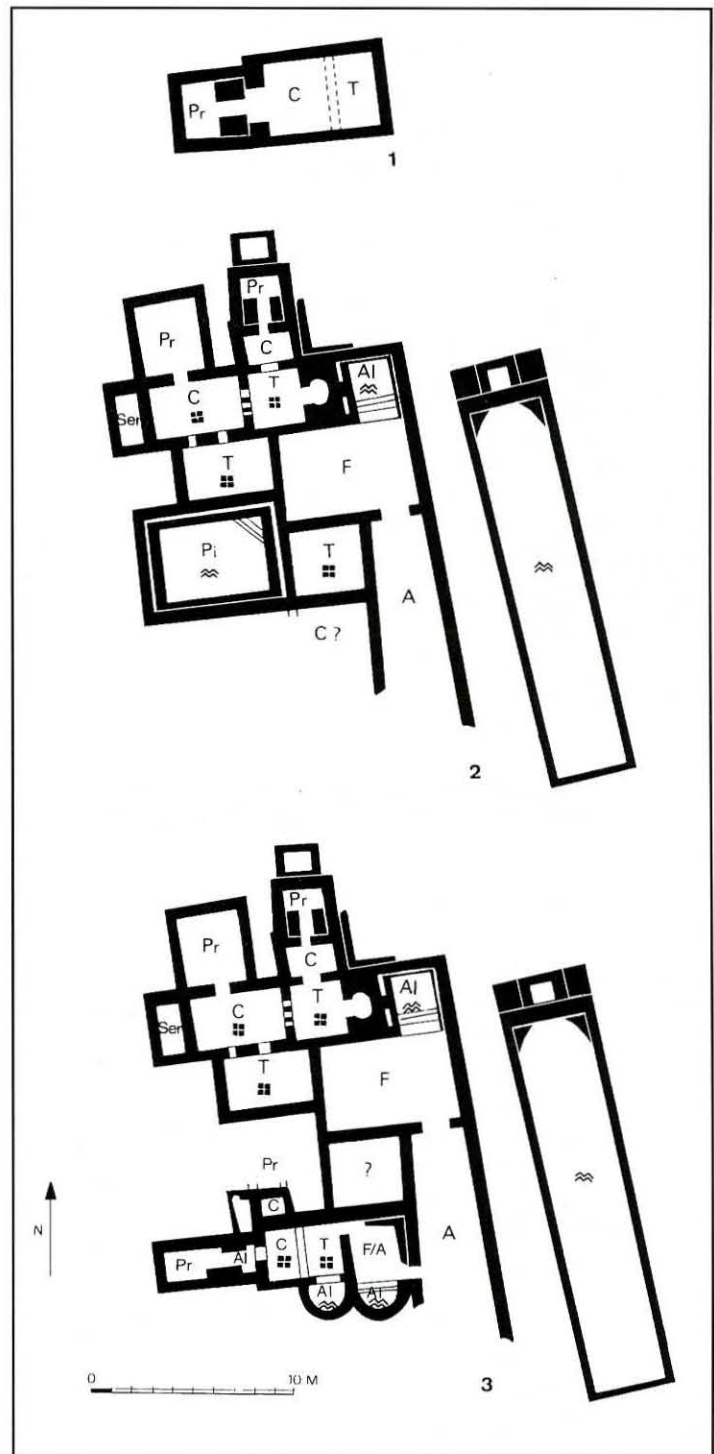


Fig. 2 - Faseamento da construção das termas com indicação da função dos compartimentos.

paisagem dominada pelo ribeiro que passava ao fundo.

As salas quentes destas duas sequências de *prae-furnium-caldarium-tepidarium* estavam ligadas entre si, mais precisamente através da passagem entre as salas 7 e 13, que se verifica entre os compartimentos do hipocausto e certamente no piso superior, e significa que, do ponto de vista do banhista, nelas se podia fazer um percurso relativamente circular, começando pelo *tepidarium* 7, donde se podia eventualmente aceder aos tanques 8 e 9, e progredindo depois para o *caldarium* 13, e saindo através do *tepidarium* 12, ou fazendo exactamente o percurso inverso.

Este sector aquecido é o que revelou, nas suas





Fig. 3 - Aspecto geral do sector sul das termas.

camadas de derrube, materiais decorativos mais abundantes e elaborados, que consistem essencialmente em grande quantidade de placas de mármore liso e decorado com motivos geométricos ou vegetais.

Depois dos banhos quentes e da passagem por uma sala tépida, o banhista podia tomar banhos frios no tanque 6 ou na piscina 16.

O tanque 6 seria um *alveus* ao qual se acedia descendo dois degraus, e era revestido por um *opus sectile* de placas de mármore branco de dimensões irregulares, aparentemente reutilizadas, que cobriam o pavimento e as paredes.

O acesso à piscina 16 far-se-ia provavelmente pela sala 5, embora os degraus no canto nordeste autorizassem um acesso pela sala 2, mas como este compartimento era um *tepidarium*, é provável que houvesse um isolamento da zona fria. Esta piscina, construída sobre o entulhamento do hipocausto das primeiras termas, como acima foi dito, conserva apenas três degraus de canto a nordeste, a parede este e parte da parede sul, em *opus signinum* e com a meia-cana de ligação ao pavimento, este completamente desaparecido. Tratava-se de uma piscina com cerca de 30 m² de área e uma capacidade de cerca de 36 m³. O abastecimento de água a este tanque far-se-ia através de uma canalização que rasgou o *nucleus* da sala 5, e que estava orientado na direcção do grande reservatório 18 a leste. O escoamento das suas águas far-se-ia através da canalização conhecida junto ao canto noroeste da piscina e que corria nessa mesma direcção.

O SECTOR SUL

Através da mesma sala 5, ou talvez directamente da sala 7, o utilizador destes *balnea* poderia aceder a outra zona aquecida a sul. Por causa das remodelações efectuadas na terceira fase, do conjunto de salas que certamente existiram, só resta a sala 17, que conserva ainda os pilares dos arcos do hipocausto e uma grande parte da *suspensura*, bem como alguns grandes *imbrices* que a sustentavam, e que seria um *tepidarium* ligado a um *caldarium* e respectivo *praefurnium*, que foram entulhados para se construir a sala 20 e o tanque 21.

O GRANDE RESERVATORIO

A leste do edifício termal existe um grande reservatório (18) com cerca de 25 m de comprimento por 6 m de largura, e que, se fosse cheio até 1,5 m de altura, teria uma capacidade de 225 m³, o que seria largamente suficiente para abastecer as termas. Desconhece-se a data da sua construção mas a canalização que atravessa a sala 5 ligando o tanque 16 a este reservatório sugere que estava em funcionamento durante a segunda fase das termas, podendo ter feito parte do plano de ampliação dos finais do século III ou inícios do IV.

O seu interior está revestido a *opus signinum*, com meia-cana na ligação da parede ao pavimento, e um forno escavado no seu canto nordeste, talvez no século XVI, pôs a descoberto diversas camadas de *opus* que correspondem a sucessivos arranjos de que o pavimento do tanque terá necessitado durante o seu longo período de utilização.

A parede norte é atravessada por uma canalização de cerâmica que escoava as águas para um pequeno tanque (19) adossado a essa parede. O reforço do topo norte do tanque deve-se certamente ao declive acentuado neste ponto da encosta onde se implantaram as termas.

A REMODELAÇÃO DA PARTE SUL (Fig. 2)

A última grande remodelação que as termas sofreram afectou sobretudo a parte sul, mantendo-se, aparentemente, em utilização, e sem alterações significativas, as salas centrais (4 e 5) e a parte norte das termas (6-15), assim como o reservatório e o tanquinho a leste (18 e 19).

As estruturas mais afectadas pela remodelação foram a piscina 16 e o *caldarium* e *praefurnium* que se situariam a sul da sala 17. No espaço ocupado por estes compartimentos e parte dessa piscina, e na área mais a sul desenvolveu-se um sector termal completo, que inclui um *frigidarium* com um pequeno *alveus* (20 e 21), e um conjunto de salas e tanques aquecidos (22-27) com a respectiva fornalha (28). O seu plano é bastante irregular e o tipo de construção muito rudimentar, reutilizando materiais de construção. Também nesta área se detectam vestígios de episódios de construção anteriores que são difíceis de interpretar e dos quais não nos ocuparemos aqui.

O acesso a este sector far-se-ia directamente da sala 4 para a sala 20, que terá funcionado como *frigidarium* e *apodyterium*, tendo em conta os bancos corridos junto às paredes norte e leste. O seu pavimento era feito de *opus signinum* de boa qualidade e bem conservado. A sul, existe um *alveus* (21) de forma semicircular, igualmente revestido de *opus signinum*, e com uma altura máxima de cerca de 1 m, ao qual se acedia por degraus.

Da sala 20 tinha-se acesso às salas aquecidas, a oeste, começando pela sala 22, que devia ser um *tepidarium*, por ser a mais afastada da fornalha. Os pavimentos do piso de utilização destas salas desapareceram e resta apenas parte da estrutura dos hipocaustos, em geral os pilares dos arcos, e o chão, constituído pela rocha-base, ao contrário dos compartimentos do sector norte, a maioria das vezes pavimentados a tijoleira. Apesar da sala 22 ser certamente



II Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón.
Termas romanas en el Occidente del Imperio
Edición científica Carmen Fernández Ochoa, Virginia García
Entero. — Gijón: vtp editorial, 2000.
448 p.; il.; 21 x 29 cmtr.
D. L.: AS - 3401 - 2000
ISBN: 84-89880-37-9
1. Europa - Restos arqueológicos romanos.
2. Termas - Europa

725. 73. 032. 7(4)
904 (4) : 7. 032. 7

© Ayuntamiento de Gijón, 2000
© De esta edición, *vtp* editorial
Aptdo. 517 — (E) 33200 Xixón/Gijón
<http://vtpeditorial.com>
e-mail: mail@vtpeditorial.com
ISBN: 84-89880-37-9
Depósito legal: AS-3401-2000
Composición: Calendas (Navalcarnero, Madrid)
Ilustración de cubierta: Taller Gráfico Llanos y Heredia (Gijón)
Filmación: Tecniprint (Gijón)
Impresión: Apel (Gijón)

Este libro se ha editado con el patrocinio de
Ayuntamiento de Gijón
Fundación Municipal de Cultura de Gijón
Gobierno del Principado de Asturias
Universidad Autónoma de Madrid